

## ESPAÑA POLARIZADA | MAURÍCIO DURÁ

Em 23 de julho passado, celebrou-se eleições parlamentares na Espanha com um resultado, contra todo o prognóstico, que representou uma derrota da extrema-direita. Uma derrota com repercussão na Europa na qual integra governos como os da Finlândia, Hungria, Eslovênia, Polônia e Itália.

Um governo da direita na Espanha (Partido Popular) com a extrema-direita (VOX), depois da recente vitória de Meloni em Itália, teria marcado um importante impulso a esta dinâmica. Itália e Espanha representam a 3ª e 4ª economia de uma União Europeia cada vez mais permeável aos discursos fascistas. Mas representaria também uma maior presença de uma extrema-direita ultraconservadora com relação a agenda político-sociocultural e ultraliberal no plano económico frente aos modelos da Hungria e Polônia, nos quais o Estado tem um importante papel.

O resultado representa uma vitória eleitoral mínima para o bloco de esquerda (PSOE e SUMAR) mas supõe um freio conjuntural, mas importante, às aspirações da direita. A disputa continua aberta e marcará um período de enorme polarização política e social entre blocos nos próximos anos.

Sofia Kortysz, no artigo que segue, aborda em maior profundidade o que representa essa derrota eleitoral da extrema-direita. A título de introdução apontamos alguns dados relevantes para compreender o contexto e a complexidade do processo que se abre.

Antes destas eleições de 23 de julho, foram realizadas em 28 de maio eleições municipais bem como na maioria dos governos regionais no Estado Espanhol. Foi uma derrota contundente para a esquerda e a abertura das portas para os acordos entre direita e extrema-direita para ocupar os governos regionais e municipais. No dia seguinte, e diante de um cenário muito complexo para os 6 meses de legislatura que restavam ao governo central, o presidente Sánchez decidiu antecipar a convocação eleitoral para o 23 de julho. Uma jogada política de alto risco que surpreendeu os próprios e os estranhos.

É bom lembrar que a Espanha é uma monarquia parlamentar na qual a figura do chefe de Estado (diluída) corresponde ao Rei e a presidência do governo é definida pelo congresso. Ou seja, o presidente do governo não é eleito diretamente pelo voto popular. O povo elege deputados e serão estes, no congresso, que votarão no presidente. Do número de parlamentares/as obtidos por cada partido e do sentido dos seus votos dependerá finalmente quem governa. O Partido Popular obteve 137 deputados e o PSOE 121. Mas para constituir governo é necessário ter maioria absoluta no congresso (176 deputados) no primeiro turno, ou maioria simples no segundo turno (mais votos favoráveis do que contra).

O Partido Popular só conseguiu o apoio da extrema-direita (VOX, 33 deputados/as) e do único deputado da UPN, o que soma 171 deputados/as. Os mesmos 171 que soma o PSOE com seus aliados: SUMAR (31), ERC (7) BILDU (6), PNV (5) e BNG (1). Resta definir o sentido do voto da Coalizão Canária (1) e de Junts per Catalunya (7), a direita independentista catalã.

A antecipação das eleições teve entre os seus objetivos:

— Impedir que a vitória da direita e da extrema-direita se estendesse por 6 meses em uma longa pré-campanha de desgaste ao governo;

— Desenvolver uma campanha eleitoral coincidindo com as assinaturas dos acordos entre as direitas para os governos regionais e municipais, transformando o fantasma do medo da direita no medo de algo concreto e que governava como consequência da imobilidade do eleitorado de esquerda que não foi votar nas municipais e regionais;

— Internamente significava conter uma crise no PSOE em torno da liderança de Sánchez.

O sucesso da estratégia é inquestionável e sua liderança sai fortalecida. Em dois meses transformou uma grande derrota em uma grande vitória.

À esquerda do PSOE, a antecipação das eleições também pegou com o pé trocado SUMAR, um movimento político em processo de construção durante o último ano, em torno da figura de Yolanda Díaz, 2ª Vice-presidente do Governo, Ministra do Trabalho e Economia Familiar, afiliada ao PCE e a figura do governo com melhor avaliação popular. Em pouco mais de 10 dias, foi preciso realizar um trabalho previsto para 6 meses: plasmar um acordo entre 16 forças políticas de âmbito nacional e regional, estabelecer um programa eleitoral e as listas eleitorais. No sistema eleitoral espanhol vota-se em listas fechadas elaboradas pelos partidos. Não existe voto nominal. Foram 10 dias de muita tensão política que deixaram feridas de certa gravidade; curá-las se coloca como um desafio importante para os próximos meses.

Paralelamente às conversas com o PSOE sobre a nova estrutura do governo e as prioridades programáticas, SUMAR está imerso na elaboração do organograma do novo grupo parlamentar de 31 membros de 8 partidos e preparando para setembro a sua assembleia fundacional...Everything Everywhere All at Once.

Apesar destas dificuldades, às quais deve acrescentar a falta de meios e estrutura própria sobre o território, SUMAR conseguiu ocupar um importante papel numa campanha fortemente polarizada entre PSOE e PP na qual a VOX viu reduzida a sua representação parlamentar de 52 para 33 parlamentares.

O sucesso da campanha de SUMAR girou em torno de 3 aspectos:

— A liderança de Yolanda Díaz e sua capacidade de comunicar, o que lhe permitiu ter um excelente desempenho no debate eleitoral e na participação na mídia. Aspecto especialmente relevante perante o cerco imposto pela direita mediática;

— Um discurso simples, positivo e propositivo que conseguiu conectar-se com uma importante parcela do eleitorado. Embora o processo de constituição de SUMAR não tivesse terminado quando as eleições foram convocadas, já se contava com os 35 documentos temáticos construídos de forma participativa em diálogo com a sociedade civil, sindicatos e colégios profissionais num processo que durou 12 meses. Estes documentos preliminares e o acúmulo de debate em torno deles foram constituídos como a base programática para o plano de governo;

— Diante do medo da extrema-direita, uma campanha positiva. A mensagem era, “não vou votar para que a extrema-direita não ganhe, vou votar porque tenho uma esperança”. Diante de uma realidade distópica, o direito de construir uma utopia.

**Maurício Durá** é militante internacionalista.

## Baixa votação da Vox atinge a extrema-direita europeia

Analistas avaliam que os resultados das eleições espanholas também significariam um revés no plano de Abascal (líder do partido de extrema-direita Vox) de construção de uma “Iberosfera” na América Latina.

*Por Sofia Kortysz*

Surpresa foi a primeira coisa que a maioria dos analistas sentiram à medida que a contagem de votos das eleições gerais da Espanha no 23 de julho avançava. Com alguma exceção, as pesquisas — 105 durante a campanha, cerca de 6 por dia — tinham falhado: superestimaram os assentos que receberia o Partido Popular (PP), afirmaram que chegaria à maioria absoluta com Vox e subestimaram a capacidade do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) de se recuperar após as eleições municipais e autonômicas de 28 de maio, nas quais perdeu 70% do poder no território.

Longe dos 176 assentos necessários para obter essa maioria e formar governo, o PP e a extrema-direita somaram 169 em primeira instância, e nesta sexta-feira foi confirmado que com os votos do exterior, chegaram a 170. A resolução do presidente do governo espanhol, Pedro Sánchez, de antecipar para 23 de julho as eleições previstas para dezembro — que deixou perplexos jornalistas, cientistas políticos e o resto dos cidadãos dispostos a férias — é lida pelos analistas como um dos motivos que contribuiu para o

bom desempenho do PSOE em relação às projeções feitas por diferentes institutos de pesquisa de opinião.

O espanto foi seguido por uma conclusão que gerou alívio dentro e fora das fronteiras: “A Espanha freou a extrema-direita”. Vox, apesar de ficar em terceiro lugar, à frente de Sumar, caiu dos 52 assentos obtidos em 2019 para 33. Essa afirmação merece ser posta em causa.

O cientista político espanhol Salvador Martí esclarece que, embora os assentos da Vox tenham caído, não se pode dizer que ele tenha perdido uma quantidade tão considerável de votos. “Ele perdeu quase um terço ou mais de sua representação. No entanto, tinha três milhões e meio de votos e agora ficou em três milhões; perdeu uma parte significativa, mas não um terço dos votos, mas uma sexta parte”, explicou ele.

Os 11 milhões de votos que somaram Vox e o PP não constituem um mau resultado para as direitas, uma vez que é um dado melhor do que o obtido por Mariano Rajoy em 2011, quando alcançou a maioria absoluta, avalia o historiador italiano especializado na extrema-direita, Steven Forti.

De qualquer forma, se você olhar exclusivamente para Vox, ele perdeu em relação a quatro anos atrás, e as causas, como muitas vezes acontece, são múltiplas. Muitos eleitores que acompanharam a formação liderada por Santiago Abascal nas eleições passadas, nesta oportunidade apostaram no voto útil ao PP. Mas, na opinião do cientista político e catedrático de Relações Internacionais na Universidade Complutense de Madrid, atualmente presidente da Fundação Carolina, José Antonio Sanahuja, a Vox também teve seu programa questionado, pois insistia em acabar com o modelo territorial plasmado na Constituição espanhola ao pretender abolir as comunidades autónomas. Esta proposta, que teve eco em 2019, há dois anos do referendo na Catalunha e no meio da debacle do PP, não se sustenta hoje, quando “a Catalunha perdeu relevância e a possível independência unilateral desapareceu”.

Esta aposta por um Estado unitário faz parte da Agenda Espanha, a alternativa da Vox à Agenda 2030 concebida pelos ultradireitas, como reproduz Sanahuja, como o “mal, a tentativa dos globalistas de acabar com a liberdade e independência das nações livres e soberanas”. O discurso contra os “burocratas de Bruxelas” — também apresentado por Giorgia Meloni para triunfar na Itália, embora um pouco esquecido desde que assumiu o poder — é um assunto que não atraiu a cidadania espanhola. “O cidadão comum está muito longe”, diz Sanahuja.

Agora, a essência da rejeição da Vox pela Agenda 2030 explica-se pelo seu anti-europeísmo, uma postura com pouco enraizamento na sociedade espanhola que é “profundamente europeísta” e não se questiona a sua participação na União Europeia nem politizar a moeda comum, especialmente no período pós-pandemia, em que a

Espanha recebe 140.000 milhões de euros do fundo Next Generation. A “noção da Iberosfera como principal conceito geopolítico de Vox” conecta, em suma, com “a tradição de hispanoamericanismo conservador que vem do século XIX e da qual Franco fez um eixo de sua política externa”.

Também não teria sido muito rentável para Vox a sua agenda anti-direitos, defendida com falsidades, como apontar que a lei trans levaria à “mutilação de meninos e meninas”.

De qualquer forma, estas considerações não são uma resposta acabada à pergunta de um milhão: podem espanhóis e espanholas, imigrantes de diferentes latitudes, dormir tranquilos com a queda de votos e assentos da Vox? A resposta é sim e não. “Parece-me muito cedo para dizer que a Vox está em declínio”, afirma Forti.

O resultado do PP repercute na Europa e na América Latina

Se o voto útil figura como a primeira das explicações que muitos analistas dão à transferência de votos de Vox para o PP — porque não passaram de Vox para o PSOE e menos para a esquerda dos socialistas — esses eleitores mudaram sua cédula por uma questão estratégica e não ideológica? Ou, dito de outra forma, será então que aqueles eleitores que votaram no domingo no PP podem partilhar, pelo menos até certo ponto, a agenda mais retrógrada da Vox?

Diante destas perguntas, os acadêmicos consultados respondem referindo-se às origens da Vox. Surgiu do PP, por isso, assegura Martí, “falamos de uma família extensa da direita na Espanha que está muito mais para a direita ou é mais reacionária ou mais radical do que a direita tradicional que existe na França, por exemplo, ou na Alemanha, ou do que era a democracia cristã na Itália e o que é a democracia cristã nos Países Baixos ou na Áustria”.

Dito de outra forma, reafirma Martí, em outros países europeus “a centro-direita foi antifascista, enquanto na Espanha a direita – tanto o Partido Popular como, portanto, Vox – é herdeira do franquismo”.

Na mesma linha, Sanahuja compartilha que “o PP é um partido que ainda tem ressentimentos para questionar o franquismo” e que difere da centro-direita europeia como a União Demócrata Cristã (CDU) de Angela Merkel, que optou por realizar um cordão sanitário diante do avanço da extrema-direita.

O aumento significativo do PP — embora menor do que o projetado pela maioria das pesquisas —, ao passar dos 89 assentos de 2019 para os 137 atuais, visto desta ótica, não implica necessariamente que em Espanha se possa baixar a guarda em relação ao peso da extrema-direita.

No entanto, mesmo com as particularidades mencionadas do PP, os analistas apontam que o aumento da força presidida por Alberto Núñez Feijóo, em parte, às custas da baixa de Vox — também se beneficiou do desaparecimento de Ciudadanos para o 23 de julho —, é uma boa notícia tanto a nível nacional como pelas repercussões que possa ter fora, diante, por exemplo, da centro-direita da “CDU e do Partido Popular Europeu que se aproximou da extrema-direita” nos últimos tempos.

Forti é categórico na relevância que a queda de Vox tem diante da onda de governos de conservadores e extrema-direita que chegaram ao poder desde o início da guerra na Ucrânia, “com notáveis sucessos eleitorais”, na Itália, Suécia, Finlândia ou Grécia, entre outros. Mas não só olha para a repercussão em cada país, mas em todos os países europeus, indicando que esta diminuição da extrema-direita em Espanha pode ser um golpe à “operação urdida essencialmente por Manfred Weber, presidente do Partido Popular Europeu, e Meloni, não só presidente do governo italiano, mas também do Partido dos Conservadores e Reformistas Europeus, para chegar a uma aliança estável” em face às eleições europeias do próximo ano.

Sanahuja também especificou que se deve fazer uma leitura não só em chave europeia, mas ibero-americana, uma vez que o resultado de Vox poderia significar um revés no seu plano de construção “da Iberosfera, da carta de Madrid, com a qual cultivou muitos laços com a extrema-direita latino-americana e tentou estabelecê-los com a centro-direita”. Simples amostras desses laços são os melhores presságios para Abascal do ultradireita chileno José Antonio Kast ou do deputado nacionalista uruguaio Pablo Viana, transmitidos em vídeos durante o ato final de Vox.

O Partido Popular cresceu abaixo do previsto

Sanahuja menciona três falhas do PP que o levaram a crescer abaixo do anunciado na maioria das pesquisas: seu discurso apocalíptico de uma Espanha acabada e em crise não foi bem-sucedido. Fez uma má campanha recorrendo a dados falsos e não admitiu que a Espanha é diversa, pelo que “julgou ser um partido de Estado, mas obteve praticamente zero votos, ou muito poucos, na Catalunha e no País Basco - seis e dois assentos, respectivamente”.

O acadêmico aponta que o PP não deve oferecer aos espanhóis “exclusivamente um discurso anticatalão e antibasco”. A sua ideia é que “colocar uma pessoa contra a outra” já não dá frutos. Se pensarmos no País Basco, torna-se evidente que também não foi muito eficaz para Feijóo ter baseado a sua campanha no fantasma da ETA, uma vez que o PP mal conseguiu lá um lugar a mais do que em 2019, mesmo aumento alcançado por EH Bildu.

Enquanto isso, Forti propõe que “Feijóo não apresentou nenhum programa de governo ou projeto de país”, mas se limitou a usar as ferramentas da extrema-direita: deslegitimação

do adversário, utilização de fake news e hoaxes e até mesmo a adoção de discursos de sabor trumpista ou bolsonarista, ao se referir a uma possível fraude eleitoral pelo voto por correio, que aumentou muito. Estratégias como estas, o PP “pagou mais tarde nas eleições”, apesar do aumento de votos que teve em relação a 2019.

O PSOE mais votado do que o previsto

O PSOE conseguiu um assento a mais do que em 2019, com 7.760.970 votos, e ficou a uma distância de quase 340.000 votos do PP. Isto significa que melhorou o seu desempenho em relação às eleições gerais passadas, mas também que diminuiu a distância com o partido de Feijóo em relação ao 28 de maio, quando a diferença foi de 763.000 votos.

Assim como no caso do PP, os analistas interpretam que o PSOE aumentou seus votos e assentos devido à opção de muitos eleitores pelo voto útil, pelo medo de uma parte da cidadania de que a extrema-direita crescesse, formasse uma maioria absoluta junto com os populares e chegasse Abascal à Moncloa como vice-presidente. Esta possibilidade foi advertida repetidamente tanto por Sánchez como por Yolanda Díaz, que insistiram em igualar o PP a Vox, bem como em afirmar que a direita e a extrema-direita pactariam como tinham feito até domingo em várias comunidades.

Além das provas desses acordos, Martí observou que o medo foi despertado pelas pesquisas, “a mídia e boa parte da opinião pública que deu por garantida a vitória da direita com uma ampla maioria absoluta”. Ele lembrou, além disso, “que em Espanha as vitórias conservadoras estão muito relacionadas a uma certa abstenção dos cidadãos que potencialmente podem votar no Partido Socialista ou no Podemos — em Sumar nesta oportunidade —, porque é um eleitor mais exigente e se desmobiliza quando percebe que suas formações não fizeram bem o suficiente ou que brigaram entre si e negligenciaram suas demandas, enquanto os cidadãos conservadores costumam sempre votar de forma muito fiel. Portanto, conclui Martí, “quando a esquerda ganha é porque teve capacidade de mobilizar seu eleitorado e, geralmente, isso é graças à bandeira do medo”.

Para Forti, este medo, “a arrogância de Feijóo” e “as muitas mentiras” esboçadas em campanha, mobilizaram parte do eleitorado de esquerda. Sanahuja, além disso, considera que, com exceção do debate entre Feijóo — o único em que participou — e Sánchez, que não se saiu muito bem nessa ocasião, a campanha da esquerda e, particularmente, do presidente do governo foi “extraordinária”. Para o analista, foi acertada a sua decisão de ir aos vários meios de comunicação, mesmo os mais adversos e os menos convencionais para uma figura de tal hierarquia, como La Pija e la Quinqui, um podcast conduzido por dois jovens com enorme chegada aos seus pares.

Outro gadget de Sánchez foi apropriar-se das críticas para fazê-las jogar a seu favor na sua campanha. Assim, o apelido “o cão Sánchez” (ou “o cão Sanxe”), colocado pelos seus opositores em modo depreciativo, foi tomado pelo presidente que virou o sentido e publicou nas suas redes sociais uma foto para o Dia Mundial do Cão, posando com os seus cães de água, com a canção “Perra”, de Rigoberta Bandini.

*SUMAR*: a coalizão ao resgate da esquerda para a esquerda

A impressão dos analistas consultados é que Sumar teve um papel relevante ao conseguir reter os votos de esquerda que não se sentiam representados pelo PSOE e que temiam pelos retrocessos que traria uma maioria absoluta Vox-PP.

Sanahuja argumenta: “Sumar foi a operação que permitiu o salvamento da esquerda para a esquerda do PSOE. Uma esquerda que estava fragmentada, que estava quebrada, e com uma marca, Podemos, que está absolutamente calcinada, com uma liderança, a de Pablo Iglesias, que além de um núcleo, está questionada”. E considera que comparar os assentos obtidos por esse agrupamento em 2019 com o que foi alcançado por Sumar neste domingo, quatro assentos a menos, omite a pergunta pertinente: que resultado Podemos teria obtido agora?

O cientista político conclui: “Sumar proporcionou, talvez com menos assentos do que poderia ter sido esperado, um apoio não negligenciável ao PSOE”, porque sem esse apoio “qualquer outra possibilidade de coalizão de governo de esquerda seria absolutamente inviável neste momento”.

Mulheres e dissidências nas campanhas para o 23 de julho

“Significativo e importante”. Assim descreve a doutora em Processos Políticos Contemporâneos e presidente da Fundação Hay Mujeres, María de los Ángeles Fernández, o papel que mulheres e dissidências ocuparam na campanha. A agenda de direitos, com o olho na lei trans e o debate em torno da violência de gênero, atravessou os discursos dos vários partidos.

Fernández lembrou que nos dois debates entre os candidatos à presidência estavam presentes estas questões, com a direita — PP e Vox igualmente neste ponto — enfatizando a lei “só sim é sim”, “que por pretender escapar de uma abordagem punitivista, teve impacto em reduções de penas: até agora, e desde outubro de 2022, com mais de 1.000 agressores sexuais e mais de 100 que já saíram da prisão”.

Embora este tenha sido um flanco fraco para o PSOE e Sumar, para Fernández ainda não se tem dados suficientes para garantir que incidência teve nos resultados. No caso de ambos os partidos, a defesa dos direitos conquistados fez parte da agenda, embora de formas diferentes. Enquanto o partido de Sánchez se concentrou em celebrar o que foi alcançado, “apontando que o que vem para a frente é mais um assunto em

desenvolvimento das leis adotadas”, Sumar, mais consciente do cisma atual dentro do feminismo, levantou explicitamente a necessidade de evitar choques, especificando que as conquistas também o são para o movimento LGBTI+. Também colocou com mais força o acento na necessidade de “uma forma feminista de entender a economia”, com foco colocado na problemática dos cuidados.

Sumar posicionou-se em defesa de um feminismo transinclusivo que estava, além disso, visivelmente representado, com Elizabeth Duval como porta-voz de igualdade do partido e Carla Antonelli como candidata ao Senado, ambas mulheres trans.

Fernández considera que esta escolha, assim como a decisão de “esconder literalmente personagens associados a uma agenda de gênero que parecia conflituosa, foi mais eficaz do que o que se pensava originalmente”. Na verdade, ele disse, Irene Montero e Ione Belarra desapareceram na campanha e “a leitura é que Sumar, conseguindo 31 dos 38 assentos originais que Podemos tinha, salvou os móveis”.

Votos do exterior obrigam o PSOE a negociar com separatistas catalães

O escrutínio dos votos consulares, realizado na sexta-feira, alterou o resultado provisório da circunscrição de Madrid, onde um assento passou do governante Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) para o opositor Partido Popular. Assim, os socialistas caem de 122 para 121 assentos, enquanto os populares sobem de 136 para 137. Isso implica que para conseguir uma maioria de votos para reinvestir Pedro Sánchez como presidente, os socialistas terão de procurar um acordo com os catalães de Junts, quando até agora teria alcançado com a sua abstenção. O líder de Junts, Carles Puigdemont, reside no exterior e é requerido pela Justiça espanhola devido às suas responsabilidades, como ex-presidente da Generalidade da Catalunha, na Proclamação da Independência da região em 2017.

Publicado originalmente em *La Diária*: [La baja votacion de Vox golpea a la ultraderecha europea.](#)